

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM ESCOLAS PÚBLICA E PRIVADA NA REGIÃO DO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

Tatiani Justin Witt Cardoso¹
Zuleika L. S. Costa²

Resumo: O presente artigo propõe uma análise da atuação das psicólogas escolares inseridas em escola pública e privada da Região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Objetivando verificar como estão sendo suas práticas nesse contexto. Os objetivos específicos foram mapear esses profissionais; verificar as demandas e as possibilidades de atuação junto à equipe e suas percepções em relação aos seus trabalhos em escola. As análises destas questões deram-se a luz de teóricos da educação e da psicologia escolar. Conforme Quevedo e Conte (2016) atuação do psicólogo escolar deve visar instituição como um todo possível/necessário a ser trabalhado. É um estudo qualitativo, utilizando o método de análise de conteúdo segundo BARDIN (2004), com um questionário semiaberto. Participaram do estudo quatro - dos sete psicólogos (as), localizadas por mapeamento - de diferentes locais. Sendo duas de escolas públicas e duas de escolas privadas. A análise referente às atuações considerou as categorias e, itens criados por Santos, Et. al. (2017) sobre as competências do psicólogo escolar. As considerações finais apontam através das entrevistas que há demandas em comum para a psicologia nas escolas, tais como: Transtornos Psicológicos, inclusão de alunos e alunas especiais, entre outras. As entrevistadas também relatam o desconhecimento por parte da escola da psicologia escolar e sua atuação na escola. O estudo constata a que maioria das entrevistadas atuam na prevenção e na comunidade escolar como um todo envolvendo a interação dos demais profissionais da escola (diretores e professores).

Palavras-chave: Psicologia escolar. Psicólogo escolar. Psicólogo e escola.

Abstract: *The present article proposes an analysis of the performance of the school psychologists inserted in public and private schools of the North Coast Region of Rio Grande do Sul State. The objective is to verify how their practices are in this context. The specific objectives were to map these professionals; verify the demands and possibilities of acting together with the team and their perceptions regarding their work in school. The analysis of*

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Osório (UNICNEC).

² Orientadora: Prof^a Dr^a em Psicologia. Doutorado em Educação UNILASALLE. Mestra em Educação UFRGS. Psicóloga PUCRS Licenciatura em Psicologia UFRGS.

these questions was given by theorists of education and school psychology. According to Quevedo and Conte (2016) the performance of the school psychologist must aim at an institution as a whole that is possible / necessary to be worked on. It is a qualitative study, using the content analysis method according to BARDIN (2004), with a semi-open questionnaire. Four of the seven psychologists (as), located by mapping, participated in the study from different locations. Being two of public schools and two of private schools. The analysis related to the actions considered the categories and, items created by Santos, Et. al. (2017) on the skills of the school psychologist. The final considerations point out through the interviews that there are common demands for psychology in the school, such as: Psychological Disorders, inclusion of students and special students, among others. The interviewees also report the school's lack of knowledge about school psychology and its role in school. The study finds that most of the interviewees are involved in prevention and in the school community as a whole involving the interaction of other school professionals (principals and teachers).

Keywords: School psychology. School psychologist. Psychologist and school.

Introdução

Ainda no século XX, o trabalho do psicólogo no contexto escolar, estava atrelado à concepção de doença e problemas de aprendizagem (Marinho-Araújo; Neves ³ apud QUEVEDO; CONTE, 2016). E antes, a escola preocupava-se com a formação acadêmica do aluno. Atualmente está sendo incumbida de outras questões, além das dificuldades de aprendizagem, como “a efetividade de suas propostas pedagógicas e metodologias e seus impactos positivos ou negativos” (AUSEC; FORNAZARI; BASSETO, 2011). Acompanhando as transformações no que se está sendo incumbida a escola, esse percurso está confrontando-se com novas práticas que vislumbrem promover saúde e proteção. Visando a instituição como um todo possível/necessário a ser trabalhado na dinamização e compreensão de seus papéis (QUEVEDO; CONTE, 2016).

³ Marinho-Araújo, C. M.; Neves, M.M.B. J. (2007) Psicologia escolar: perspectivas e compromissos na formação continuada. In H. R. Campos (Org.), Formação em psicologia escolar: realidades e perspectivas (pp. 49-67). Campinas: Alínea.

No momento, os psicólogos (as) no contexto escolar possui amplas possibilidades de atuações. Podendo desenvolver ações com os mais diversos atores envolvidos nesse contexto: educadores; alunos; pais; diretores; técnicos e; pessoal administrativo (CASSINS, et al. 2007). Colaborar para a compreensão e mudança de comportamento. Conforme Medeiros e Aquino (2011), intervenções no processo ensino aprendizagem ainda constitui direcionamento do trabalho nesse contexto. Mas novas concepções e práticas estão sendo estruturadas. O trabalho do (a) psicólogo (a) no contexto escolar contém uma dinâmica diferente de outros contextos.

Nesse contexto, os psicólogos (as) assumem um papel de agente transformador, mas que, está atrelado às contribuições e atribuições de toda a instituição. Caso contrário pode ser inviabilizado transformações efetivas. Os maiores desafios da profissão, nesse contexto, estariam nas poucas informações abordadas na formação. As propostas e ações desenvolvidas podem assumir um caráter essencialmente preventivo (MARTINEZ, 2010).

Para Petroni e Souza (2017), há ainda muito que se problematizar neste contexto. Relatam ainda que, a atuação do psicólogo escolar ainda se encontram, numa concepção clínica dos sujeitos.

A psicologia se movimenta com protagonismo social. E, o psicólogo necessita clarificar constantemente, entre os atores da escola, a sua proposta (CREPOC, 2013)⁴. No Brasil, hoje temos psicólogos escolares tanto em escolas públicas quanto privadas. Logo, considerando um profissional ciente das atribuições de sua profissão e especificidades da área e do contexto ao qual atua. Torna-se relevante realizar discussões teóricas acerca das vivências de psicólogos (a) nesse contexto.

Desse modo, o trabalho buscou verificar como é a atuação do psicólogo escolar na educação básica em escolas pública e privada da região do litoral norte do Rio Grande do sul. E, teve por objetivos mapear esses psicólogos;

⁴ Centro de referência Técnica em Psicologia e Políticas.

fazer um aporte teórico; verificar as demandas; as possibilidades de atuação; a equipe e; uma percepção em relação ao seu trabalho.

Referencial Teórico

Psicologia Escolar

De acordo com Cassins et al. (2007), a psicologia escolar tem se fundamentado desde o século XIX, a partir da procura do serviço, de cidades da América e da Europa. Devido à expansão do ensino público nessas cidades, surgem problemas como abandono, negligência e delinquência, necessitando a avaliação e compreensão dessas dificuldades e, suas causas. Assim como a necessidade de propor e implantar soluções. Desse modo:

Observação, prevenção, intervenção e mensuração de habilidades e capacidades foram os principais alvos dos estudos científicos desenvolvidos. Pesquisas nos Estados Unidos, França, Bélgica, Suíça, Grã-Bretanha, Itália e Alemanha nos campos da inteligência, subdotação e superdotação; desenvolvimento infantil e seus atrasos; diagnóstico, intervenção e ajuda concreta a crianças com dificuldades escolares tiveram grande impulso. Os primeiros serviços de Psicologia Escolar foram criados ao final do século XIX, na França (CASSINS; et al, 2007, pg. 19).

Nos primórdios de 1930 a 1940, devido às práticas normalistas, evoluiu a padronização, aplicação e aperfeiçoamento de testes à área escolar e/ou educacional. Posteriormente, à formação de profissionais e “a introdução da Psicologia escolar no currículo de graduação em psicologia (1962 até dias atuais)” (CASSINS, et al. 2007. pg. 20). Na década de 70, é publicada a Lei Federal 5.766/71 criando os conselhos de psicologia e o registro para atuação como psicólogo.

Em 80, se desloca do enfoque clínico para uma concepção e prática preventiva. No ano de 1990 cria-se a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABAPÉE) objetivando “o reconhecimento legal do psicólogo nas instituições de ensino, estimular e divulgar pesquisas nesta

área, reciclar e atualizar os psicólogos e incentivar a melhoria dos serviços prestados por estes profissionais” (CASSINS, et al. 2007. p. 21). A psicologia educacional visa à pesquisa e, a psicologia escolar visa à prática. Mas ambas se complementam, se apoiam.

O serviço em psicologia nesse contexto objetiva um apoio ao desenvolvimento global da criança, atuando com os demais profissionais necessários do local e pais e, os próprios alunos. A “avaliação, diagnóstico, acompanhamento e orientação psicológica são aplicados dentro de um contexto institucional e não mais exclusivamente voltados ao aluno individualmente” (CASSINS, et al. 2007, p. 21). Se necessário, realizam-se encaminhamentos clínicos. As finalidades/propósitos da psicologia escolar estão voltadas a um trabalho com um enfoque preventivo, de incentivo, de mediação, de conscientização, de responsabilização diante dos papéis inter-relacionados deste contexto (CASSINS, et al. 2007).

Profissão do(a) Psicólogo(a)

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP) resolução Nº 010/05 (2014), toda profissão se define por um conjunto de práticas, se colocando a atender as demandas com suas respectivas técnicas. Exigindo auto-reflexão da sua atuação e responsabilidade individual e coletiva. O trabalho do Psicólogo deve visar à saúde e a qualidade de vida. Com análise crítica, histórica e social, buscando contínuo aprimoramento profissional. Contribuir para o campo científico e prático, e, acesso às informações à população referentes ao campo de conhecimentos e serviços.

Funções do (a) psicólogo (a) no contexto escolar

A função do psicólogo na escola é desenvolver, apoiar e promover instrumentos adequados que visem o aproveitamento acadêmico do aluno. Seus conhecimentos abrangem o desenvolvimento emocional, cognitivo e social que compreendem os processos e estilos de aprendizagem, auxiliando no processo ensino/aprendizagem e manejo da turma. Apoio ao professor

para desenvolver técnicas de inclusão e habilidades sociais. Podendo desenvolver ações com os mais diversos indivíduos envolvidos nesse contexto: educadores; alunos; pais; diretores; técnicos e; pessoal administrativo (CASSINS, et al. 2007). Atuando “nas relações interpessoais e nos processos intrapessoais, referindo-se sempre as dimensões política, econômica, social e cultural” (CFP, 1992. p. 5).

As atividades do psicólogo nesse contexto: se propõe a assessorar a construção do Projeto Pedagógico da escola; prestar apoio ao resgate da autonomia do professor; a articular a teoria da aprendizagem à prática; mobilizar a escola para propostas de utilizar recursos da comunidade; “Trabalhar com políticas públicas; Conscientizar pais e professores sobre necessidades básicas de crianças e adolescentes;... Pesquisar, desenvolver, aplicar e divulgar os conhecimentos relacionados com Psicologia Escolar/Educacional” (CASSINS, et al. 2007, p. 24).

O CFP (1992) detalha atribuições do psicólogo educacional, como: auxiliar no papel do educador de forma crítica e reflexiva; desenvolver trabalhos com educadores e alunos a superar entraves institucionais; desenvolver atividades com os atores da escola a identificar, resolver e prevenir questões psicossociais que causem entraves nas potencialidades e auto - realização; elaborar e executar procedimentos voltados à relação professor-aluno; buscar conhecimentos para construção do Projeto Pedagógico; centrar suas ações em processos de desenvolvimento, aprendizagem e relações interpessoais, avaliando e redirecionando os planos e práticas educacionais; desenvolver programas de orientação profissional, “visando um melhor aproveitamento e desenvolvimento do potencial humano, fundamentados no conhecimento psicológico e numa visão crítica do trabalho e das relações do mercado de trabalho” (CFP, 1992. p. 6); diagnosticar dificuldades do aluno e encaminhar caso “transcenda a possibilidade de solução na escola” (CFP, 1992. p. 6) e; supervisionar, orientar e executar os trabalhos nessa área.

Souza et al. (2014), em uma análise da produção científica brasileira, do período de 2000 a 2007, referente a atuação do psicólogo escolar nesse contexto. Os autores concluem que é indispensável entender o processo de como se dá a produção da queixa escolar. A escola é um ponto de inserção social, articulando a história familiar e escolar, e, a inclusão do professor no processo de intervenção.

Antunes (2008) coloca que o psicólogo escolar necessita ter conhecimento “de questões concretas da educação e da prática pedagógica” (pg. 174). Para socializar com os educadores e para fazer a formação de professores.

Dias, Patias e Abaid (2014) concluem que o psicólogo não deve ter uma resposta pronta, será através da interação que irá construindo o seu trabalho. Sendo importante uma postura crítica, criativa e aberta aos desafios e possibilidades. Martinez (2010) após uma síntese das possibilidades de atuação do psicólogo escolar, destaca a necessidade do trabalho em equipe. Benitez e Domenicone, (2018) trazem dados que mostram que a atuação do psicólogo escolar favorece a aprendizagem com alunos com Autismo e Dificuldade de Aprendizagem. Com envolvimento de diversos atores no processo pedagógico, contemplando os fatores sociais e ritmo de cada um.

Silva et al. (2018) aborda o contexto e contribuições do psicólogo escolar á questões de inclusão com o foco nas dificuldades de aprendizagem (DAs). Considera que é preciso pensar numa reestrutura básica que alcance toda a comunidade escolar. Compreende como principal causa das DAs distração e falta de atenção. Quanto ao psicólogo refere a sua atuação com o aluno, “professores, pedagogos e a família elucidando quais as características, funções, causas e consequências da determinada dificuldade” (SILVA, et al. 2018).

Albuquerque e Aquino (2018) realiza um levantamento de literatura sobre o trabalho do psicólogo escolar direcionado a família e escola. Os autores revelam escassez de estudos ao abordar o tema. Também destacam

trabalhos de psicólogos na escola como mediadores da relação da família e escola.

Cassins et al. (2007) traz um quadro de situações escolares e propõe possíveis causas, sugestões de estratégias e, resultados esperados. No entanto, um estudo de Santos et al. (2017), objetivando contribuir para uma identidade do psicólogo escolar, faz um levantamento da literatura sobre as competências desse profissional, separando-as em categorias: atuação institucional; atuação institucional com o aluno; competências pessoais e; atuação clínica. Essas categorias serão utilizadas para a apresentação e discussão dos resultados.

Espaços de atuação

O psicólogo escolar/educacional pode atuar em espaços com propostas educacionais, para além das escolas, “nas instituições formais ou informais” (CFP, 1992. Pg. 5) como:

...clínicas especializadas, consultorias a órgãos que necessitam de compreensão sobre os processos de aprendizagem (Sebrae, Sesi, etc.); equipes de assessorias com projetos para escolas; serviços públicos de saúde e educação; trabalhos de extensão universitária e projetos de pesquisa em empresas e ONGs (CASSINS, et al. 2007, pg. 25).

Contudo, este estudo a busca verificar a atuação de psicólogos atuando como psicólogo escolar inseridos na escola no momento.

Questões que atravessam o trabalho do psicólogo escolar

A psicologia se movimenta com protagonismo social. E, uma variabilidade de demandas, e a falta de clarezas de suas práticas (SANTOS, et al. 2017). O psicólogo nesse contexto necessita clarificar constantemente, entre os atores da escola, a sua proposta. E um ponto importante é a demanda de resolução imediata, que gera um olhar de descrédito e, uma percepção de instituição fechada a mudanças. O trabalho de forma acelerada impossibilita criar formas alternativas para romper com as impotências. Nesse contexto o trabalho do

psicólogo acolhe imprevisibilidades. A análise coletiva das salas de aula e da escola, com experimentação a tempo menos acelerado (CFP, 2013).

Um estudo exploratório de Rossetti. et al. (2004), entrevistando quatro psicólogos e trinta profissionais da educação, constata a noção do papel do psicólogo escolar ligada ao atendimento individual e/ou clínico com os alunos. Ora sendo vistos como quem resolve de tudo, ora como incapazes. E, que as razões para a pequena quantidade de psicólogo escolar atuando, estaria no desconhecimento de suas contribuições possíveis.

CASSINS, et al (2007), pontua duas circunstâncias importantes a serem enfrentadas: circunstâncias internas (divergências do próprio psicólogo em relação a sua atuação) e circunstâncias externas (ligados ao desconhecimento dos atores desse espaço em relação ao trabalho). Mas, coloca que a inserção vem trazendo uma nova visão assim com o a decorrência dos bons resultados alcançados. Também, demandando do profissional, espaços de “conscientização e vontade política [...] para que as mudanças propostas sejam efetivadas (CASSINS, et al. 2007, pg. 33).

Santos e Gonsalves (2016) trazem em uma revisão de literatura, uma necessidade de redefinir o papel do psicólogo escolar inserido na escola integrada à realidade brasileira. Numa perspectiva preventiva e interdisciplinar, ligada aos atores da escola e, local em que está inserida na comunidade.

No entanto, Vale e Aguilera (2016), consideram que antes o foco do psicólogo escolar não era sistêmico e não tinha capacidades técnicas como agora, elaboradas por pesquisa e ações próximas a realidade da escola. E, que investir em intervenções com os professores melhoram o todo.

Quevedo e Conte (2016), trazem um relato de experiência baseado em uma intervenção em uma escola pública. Os quais consideram as práticas do psicólogo escolar válidas, frente aos resultados positivos de intervenções em saúde, preservação e qualidade de vida. Enfatizam a importância de ser

criativo e flexível diante das demandas daquele contexto. Pois, ao mesmo tempo em que o contexto oferecia abertura, tentava controlar o trabalho.

Guzzo (2016) relata também questões como: a exclusão de alunos na rede pública de ensino; educação como mercadoria; escolas integrais que não funcionam por falta de estrutura; fracasso escolar de crianças e adolescentes; jovens evadindo para trabalhar; professores trabalhando em situação de tensão e desgastes, físicos e psicológicos, sendo uma classe trabalhadora, estafada e doente.

Índices referentes à educação especial, em um levantamento feito de 2007 a 2016 no Brasil, demonstram diminuição de classes especiais e escolas exclusivas, e, aumento significativo de classes comuns, com diferença em mais de 40 mil alunos incluídos na educação infantil. Assim como, no ensino fundamental, um aumento de aproximadamente 300 mil. E, no Ensino Médio um aumento em classes comuns de aproximadamente 70 mil alunos incluídos. No entanto, aproximadamente 50% das escolas estão adaptadas (CRUZ, MONTEIRO. 2018).

Costa, Barbosa e Carraro (2014), através de, um levantamento bibliográfico constata a vulnerabilidades do professor no cotidiano como: “problemas emocionais, físicos, esgotamento, desmotivação, e apatia, prejudicando seu trabalho com os alunos e o engajamento com a profissão” (pg. 79). O professor como protagonista, que muito conduz a resolução de conflitos, necessita ser orientado em seus limites e dificuldades.

Algumas bases teóricas norteadoras

O psicólogo escolar pode utilizar de diversos conhecimentos da psicologia, entre elas o psicodrama, no representar papéis, permitindo vivenciar os dramas internos dos indivíduos, trabalhando com a possibilidade de reflexão sobre possíveis soluções para romper com padrões repetitivos de conduta.

A teoria comportamental, em que a aprendizagem é regulada pela situação, comportamento e suas consequências. “O efeito da interação dessas contingências sobre o aluno depende de suas características internas

somadas a sua história de vida e ao momento específico em que a aprendizagem está correndo” (CASSINS, et al. 2007, p. 27). Utilizando-se de técnicas para clarificar e estabelecer limites e alterar comportamentos inadequados.

A Neuropsicologia compreende o funcionamento do sistema nervoso. Com os conhecimentos necessários o professor poderá potencializar a aprendizagem, superar limitações, reduzir dificuldades e identificar potencialidades.

Da sistêmica, considera que as relações e interações mostram as regras a governar o todo, não havendo um culpado ou responsável, mas envolvidos.

Com a Psicanálise, o reconhecimento da individualidade de cada aluno. Considerando que o indivíduo participa das relações interpessoais e, dotado de um psiquismo, ocupa um lugar. Assim, o lugar do educador que quer educar, consiste em implicar os sujeitos.

A Gestalt pedagogia coloca como unidade corpo, mente e alma e meio, as quais teriam influências mútuas. Buscando um equilíbrio da satisfação das necessidades, e, percebendo de forma adequada a si e a seu meio. Colocando como importante para o aprendizado, além dos aspectos cognitivos, as emoções (CASSINS, et al. 2007).

Método

Participantes e delineamento

Participaram do estudo, quatro psicólogas, atuantes em escolas públicas e privadas, de educação básica, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

Buscou-se pelos participantes por mapeamento, através do contato com as secretarias de educação estadual e, municipais responsáveis pelo litoral norte. E, contato direto com as coordenações das escolas privadas. Ambos os contatos encontrados no site (www.escolas.inf.br/rs).

Após o contato com a secretaria de educação estadual descartou-se a existência de psicólogos nas escolas públicas estaduais. Após o contato com

as secretarias de educação municipais contatou-se, a existência de quatro psicólogos nas escolas públicas de educação básica. E, após o contato, com as cinquenta e uma escolas privadas encontrou – se três psicólogos. Sendo no total, sete profissionais psicólogos escolares, atuantes na equipe escolar, no momento, em escolas pública e privada de educação básica, na região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Nessa região encontra-se, nesse momento, conforme dados encontrados no site citado acima, cerca de trezentas escolas no total. Todo o processo de mapeamento foi realizado durante os meses de Maio e Junho de 2018.

Através do contato com as escolas as quais se confirmaram a existência do psicólogo escolar, marcou-se um horário para a comunicação com esse profissional. Através desse contato apresentou-se a autora e orientadora, problema, relevância do estudo, objetivo geral, específicos e, questões éticas (assinatura do termo de consentimento, confidencialidade, sigilo, poder desistir a qualquer momento e a possibilidade de prejuízos, já como ter de tirar um tempo de uma a duas horas para a entrevista). Questionando se aceitaria participar. Aos que aceitaram, foi solicitado autorização, para entrar em contato com a coordenação para que assinassem o termo de anuência. Participaram apenas quatro, devida à falta de disponibilidade de horários de uma e não conseguir sequer contato com os demais, dentro do prazo e estratégias estabelecidas para realizar a pesquisa.

O estudo desenvolveu os itens do questionário de demandas encontradas no contexto em que atuam, assim como as possibilidades de atuação, outros profissionais que estariam compondo sua equipe de atuação e, sua percepção em relação a suas atuações, projetos efetivados.

Instrumentos de coleta de dados

Coleta de dados sócios-demográfico (nome dos participantes, idade, formação, tempo de formação, tempo de atuação, tempo de atuação na área, na escola em que está e em outras) e, entrevistas temáticas exploratórias

individuais, baseadas em roteiro temático pré-definido (MICHELISZYN; TOMASINI, 2009), que incluiu:

- (a) verificar as demandas encontradas;
- (b) verificar possibilidades de atuação;
- (c) mapear/ identificar outros profissionais a comporem a equipe;
- (d) verificar a percepção quanto a suas atuações, projetos efetivados.

A entrevista baseou-se em perguntas semiabertas, facilitando ao pesquisador estabelecer comparações entre sujeitos e, ao mesmo tempo, possibilitando aos entrevistados expressarem o entendimento dessas experiências em suas próprias palavras.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para facilitar a análise do seu conteúdo, mas as entrevistadas também puderam fazer comunicações com o gravador desligado, assim desejando. Os sentimentos mobilizados na entrevista não foram trabalhados do ponto de vista psicodinâmico, mas o pesquisador demonstrou empatia e compreensão, buscando manter as características informais e situacionais da conversação.

Análise dos dados

Este trabalho é de abordagem qualitativa. Objetiva pesquisar o trabalho do psicólogo escolar em escolas públicas e privadas do litoral norte do Rio Grande do Sul. Foi desenvolvido um pequeno questionário com quatro perguntas semiabertas que nortearam a análise deste trabalho.

Foi utilizado o método de análise de conteúdo segundo Bardin⁵ apud Rocha et al. (2008), através de três etapas: começa pela Pré-análise que é a organização do material a ser usado na pesquisa (a elaboração do projeto, o estudo bibliográfico sobre a questão, até a análise dos dados); segue com a descrição analítica, processo de análise em categorias que devem possuir, conforme Bardin: “a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a

⁵ BARDIN, L. Análise de conteúdo. 3. ed. Lisboa: edições 70, 2004.

objetividade, a fidelidade e a produtividade” (apud ROCHA; et al, 2008. P. 26) e por último a Interpretação inferencial.

Considerações Éticas

Esta pesquisa foi realizada com coleta de dados com os profissionais psicólogos atuantes em escolas públicas e privadas, de educação básica, do Litoral Norte do rio Grande do Sul. As informações foram coletadas de forma individual, sem, se possível, qualquer prejuízo para as pessoas envolvidas, principalmente no que diz respeito aos dados pessoais dos profissionais e instituições. Os dados coletados ficarão sob a guarda da pesquisadora (Tatiani Justin Witt Cardoso) e de sua orientadora (Zuleika L. S. Costa) por cinco anos, sendo garantido seu sigilo e confidencialidade.

Todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a autorização da coleta e análise dos dados, cientes que as informações geradas serão divulgadas, via relatório e publicações, seguindo os princípios éticos da pesquisa em saúde.

Os princípios de bioética – beneficência, não - maleficência, justiça e autonomia permearão todos os passos deste estudo, assim como a garantia da confidencialidade das informações trazidas pelos participantes (Francisconi & Goldin, 2002). Desta forma, somente a equipe da pesquisa terá acesso ao banco de dados e qualquer informação que possa revelar a identidade dos profissionais e das instituições, serão confidenciais e, tratada com sigilo profissional. As informações confidenciais serão guardadas à parte do banco de dados usado para as análises. No banco de dados os sujeitos serão identificados apenas por números.

Apresentação e Discussão dos Dados

As psicólogas entrevistadas serão identificadas pelos números (1), (2), (3), e (4). Conforme dados sócios- demográfico, psicóloga (1) tem dezoito anos de atuação na área escolar, e as bases teóricas que norteiam seu trabalho consistem em Terapia de técnicas integradas: Cognitivo Comportamental;

psicopedagogia; perspectiva sócio- interacionista. A psicóloga (2) tem um ano de atuação e sua base teórica é cognitiva comportamental. A psicóloga (3) tem 10 anos de atuação e a base teórica é psicanálise. A psicóloga (4) tem 10 anos de atuação e sua base teórica é comportamental.

Uma psicóloga entrevistada coloca: “eu estou falando desse lugar, eu estou falando dessa perspectiva” (psicóloga 1). Essa colocação faz-nos refletir sobre a importância de ter uma base teórica a nortear o trabalho do psicólogo escolar, assim como permitir segurança ao posicionamento frente às circunstâncias encontradas neste contexto escolar. Pois de acordo com CASSINS, et al. (2007), uma das circunstâncias importantes a serem enfrentadas pelo psicólogo escolar, é as divergências do próprio psicólogo em relação a sua atuação.

Em uma entrevistada encontrou-se colocações como responsabilizar os pais de suprirem as necessidades de apoio e limites dos seus filhos, assim como os alunos das tarefas e convivência, que podem advir da abordagem teórica sistêmica integrada a suas atuações. Que conforme Cassins et al. (2007) a abordagem sistêmica considera as interações e a responsabilização dos envolvidos. Encontrou-se também colocações em relação ao uso de técnicas como Psicoeducação da Terapia Comportamental para explicar à comunidade escolar a função do psicólogo escolar, e estabelecer limites para os conflitos, e alterar comportamentos inadequados.

Em relação ao tempo de atuação nas escolas, pode-se refletir que esse tempo de atuação na escola é importante para a segurança ao posicionamento em relação ao papel do psicólogo escolar.

Quanto à literatura citada anteriormente, pode-se destacar questões que englobam, conforme o levantamento da pesquisa, a demanda do profissional inserido nesse contexto, possibilidades de atuação do psicólogo (a). Assim como questões que atravessam o desempenho de sua função dentro do que se propõe a psicologia escolar e, por último, a percepção desses profissionais em relação ao seu trabalho inserido na comunidade escolar.

As demandas encontradas

Ao serem questionadas as psicólogas escolares sobre as demandas encontradas nos contextos em que atuaram até o momento, como psicóloga escolar, mencionaram demandas bem variadas. Todas mencionaram transtornos ou problemas psicológicos e desconhecimento por parte da comunidade escolar da psicologia e psicologia escolar.

Seguindo no levantamento das demandas aparecem questões relativas a inclusão de crianças com transtornos psicológicos e deficiências, com três menções. Aparecem também com duas respostas, a demanda de ansiedade da família, uma relativa ao trabalho do psicólogo escolar e outra relativa ao aprendizado das suas crianças.

E em número menor com uma resposta, demandas de: depressão, automutilação, suicídio, autismo, luto, ansiedade, comportamentos inquietos ou agressivos, adaptação, dificuldade de inter-relacionamento, intolerância a frustração de alunos, transtorno ou dificuldade de aprendizagem, transições de etapas específicas (do desenvolvimento e das séries escolares), ansiedade dos alunos, conflitos e, ansiedade dos professores. A recorrência e ou ocorrência dessas demandas distribuem-se alternados entre os contextos. Conforme, Santos et al. (2017), encontram uma variabilidade de demandas.

Conforme Cassins, et al. (2007), o que demanda o trabalho do psicólogo escolar é a avaliação, diagnóstico, o acompanhamento e orientação psicológica sendo aplicados na instituição e não mais exclusivamente ao aluno de forma individual. Assim esta proposta visa à instituição como um todo possível/necessário a ser trabalhado (QUEVEDO; CONTE, 2016). As demandas são identificadas e possíveis de ações de curto, médio e longo prazo, assim como as estratégias preventivas.

Contudo, apesar de o trabalho do psicólogo no contexto escolar não estar mais atrelado à concepção de doença e problemas de aprendizagem (QUEVEDO; CONTE, 2016). Essas demandas se fizeram e/ou se fazem presentes, conforme ambas as psicólogas entrevistadas relatam. Quando

necessário, ao ultrapassar as possibilidades na escola realizam encaminhamentos, as possibilidades na escola assim como o coloca CFP (1992). Evidencia-se a fala de uma psicóloga entrevistada que realiza atendimento clínico devido a especificidades como a falta na rede pública e as características da comunidade.

Uma entrevistada relata a demanda de resolução imediata das situações apresentadas pelos alunos assim como coloca o CFP (2013) que descreve a demanda de resolução imediata, que é ainda encontrada nesse contexto. Outro relato de uma entrevistada coloca a ansiedade da família e dos outros dos profissionais da escola pela solução dos problemas de forma imediata. Isto é demonstrado no texto de Rossetti, et al. (2004), que muitas vezes o papel do psicólogo é visto como aquele que resolve tudo ou que é incapaz. Três psicólogas entrevistadas declaram que é constante a necessidade de reafirmar o papel do psicólogo na escola. Conforme também coloca CREPOC (2013). Ressalta-se a fala de uma psicóloga pesquisada que com a permanência do psicólogo na escola essa visão vai se modificando. Assim como coloca Cassins, et al. (2007) a inserção do psicólogo escolar, vem trazendo uma nova visão pelos atores da escola em relação à demanda do trabalho do psicólogo inserido nesse contexto.

Atuações

Ao serem questionadas as psicólogas entrevistadas sobre suas atuações, podem ser verificados aspectos diferenciados, e aspectos em comum. Esses aspectos se relacionam com a forma de trabalho, que em umas, o trabalho está bem focado na prevenção. Que, conforme Quevedo e Conte, (2016) seria hoje o foco do psicólogo escolar. E em outras o trabalho por momentos deixa a desejar nesse aspecto de prevenção.

Contudo os aspectos em comum encontrados em duas das psicólogas que tem seus trabalhos focados na prevenção, é que no início tiveram questões que as levaram a realizar atendimentos clínicos. Essas questões que as

levaram a realizar atendimentos clínicos são semelhantes às questões que são encontradas pela psicóloga com atuação clínica, no momento. Questões como falta na rede, demanda de resolução imediata, desconhecimento do papel do psicólogo escolar, dentre outros. Uma psicóloga entrevistada coloca que, o conhecimento da comunidade escolar sobre o papel do psicólogo escolar facilita a aceitação das propostas de novos profissionais inseridos. O que corrobora com Cassins, et al. (2007) de a inserção do psicólogo escolar, vir trazendo uma nova visão.

A discussão sobre as atuações, do psicólogo escolar, a seguir, levará em consideração as categorias propostas por um estudo de Santos Et. al. (2017).

Atuação Institucional

A atuação institucional conforme Santos et al. (2017), tem suas competências relacionadas a comunidade escolar, atores internos e externos envolvidos. Dentro dessa categoria, vários itens citados por Santos et al. (2017) são verificados nas atuações das entrevistadas, os quais são analisados a seguir. No item descrito por Santos et al. (2017) como atuação interdisciplinar, três psicólogas mencionaram que decidem e trocam ideias com demais atores internos e externos da comunidade escolar, para elaborar ações ou entender o que está acontecendo com algum aluno em acompanhamento.

Duas entrevistadas relatam que desenvolvem na escola, projetos que permitem interação entre os alunos e, reuniões com professores e demais atores sobre, por exemplo, inclusão, como incluir, porque incluir. Promovendo espaços de diálogo conforme Santos et al. (2017).

Considerando menções de três psicólogas em relação a análises, destacando a análise entre o aprendizado do aluno e o ensinar do professor e com as questões familiares e, coordenação/direção implicando em desdobramentos diversos na forma de como elaborar a intervenção. Subintendidas conforme Santos et al. (2017) como uma análise dos múltiplos seguimentos, considerando como se relacionam e suas particularidades para auxiliar nas necessidades do processo educacional.

Houve duas menções há ações como entrada nas salas de aula e acompanhando da relação docente / discente. Como Santos et al. (2017) descreve em seu item relativo a ações para avaliação e orientação junto ao docente para a aprendizagem e desenvolvimento do discente.

Três entrevistadas colocaram que realizam discussões a promover competências e, planejamento e avaliação do ensino – aprendizagem. Como descreve Santos et al. (2017) a formação continuada de professores. Destacando o que traz uma entrevistada: “dar esse suporte psicológico do conhecimento de desenvolvimento infantil, conhecimento de práticas pedagógicas, de como é um processo de aprendizagem” (psicóloga 1).

Ambas as entrevistadas colocaram avaliar para a possibilidade de tratamento alternativo, resolver conflitos, entender questões relativas à aprendizagem, assim como auxiliar e implicar na responsabilidade dos pais de colaborar. De acordo com o item atuação junto à família conforme Santos et al. (2017).

Três psicólogas mencionaram na entrevista que realizam ou já realizaram programas: de adaptação do ingresso; orientação profissional; transições de séries específicas - como do quinto ano para o sexto, e do nono para o ensino médio; escola de pais (diálogos sobre temas). O que refere ao item gestão de projetos e programas.

Houve duas menções das entrevistadas referentes à mediação de conflitos entre pais e filhos, de alunos e alunos, e, alunos e a escola (regras). O que corrobora com Santos et al. (2017) de mediar à articulação entre os atores da escola e resolver conflitos.

Duas psicólogas entrevistadas mencionaram a necessidade de um olhar crítico, escuta apurada, sendo flexível a demanda e ao ambiente e, que conhecer a comunidade ajuda a elaborar projetos que melhor se adequem e sejam aderidos. Corroborando com Santos et al. (2017) no item análise contextual.

Três psicólogas mencionaram trabalhos com grupos para trabalhar adolescência e sexualidade, diálogos com professores para uma melhor

forma de incluir o aluno e, ciclos de cinema com temas de valorização a vida. Essas propostas visam a prevenção, também de acordo com Santos et al. (2017).

A psicóloga (3) mencionou que em um momento fez em sua escola o que denominou “Formação com funcionários” (psicóloga 3). De acordo com Santos et al. (2017) o item atuação junto aos funcionários, sendo diálogos com funcionários para atender e trazer a participar da escola.

Também ocorreram três menções a eventos de cinema em que os alunos escolhem os temas e filmes e oficinas de troca entre alunos, como uma realizada com o terceiro ano do médio e o primeiro ano do fundamental, onde os do terceiro relembram como foi entrar e os do primeiro conhecem uma visão de como foi esse processo dos maiores. Assim como descreve Santos et al. (2017) sobre a competência do psicólogo escolar de promover eventos e oficinas que atendam os atores da escola e os objetivos institucionais.

Três psicólogas entrevistadas mencionam, que contam com parcerias da rede com auxílio para palestras, transporte para pais quando está acontecendo algum projeto voltado para eles e, trocam informações com profissionais externos que atendem os alunos. Como coloca Santos et al. (2017) de estabelecer parcerias com a comunidade e a rede para ações de saúde e cultura ao aluno.

As entrevistadas mencionam diálogos com pais, reuniões com os professores para trocas de informações e para ver qual a melhor forma de incluir. Em destaque o que coloca uma entrevistada: “fazer com que fique mais fácil a relação (...) de uma forma que realmente assimile o conteúdo, não seja somente assim, só passe de ano” (psicóloga 2). Pode-se considerar a despatologização do fracasso escolar conforme Santos et al. (2017).

Ambas as entrevistadas fazem colocações a respeito de diálogos envolvendo as famílias e os alunos e as gestões da escola ou atores dos serviços da rede, esclarecendo seu papel de psicólogo escolar. Os demais itens não foram

listados, pois não se obteve informação que os contemplassem, ou os dados não eram claros.

Atuação Institucional junto ao aluno

Nesta categoria, Santos Et. al. (2017) coloca que as atuações do psicólogo escolar são voltadas para o aluno. Os itens que puderam ser verificados foram analisados a seguir.

Ocorreram duas colocações ao acompanhamento de como está o desenvolvimento e as dificuldades no processo de aprender, passando nas turmas e interagindo com os alunos e professores. O acompanhamento do processo ensino-aprendizagem apontado pelo autor como um dos principais itens encontrados em seus estudos.

Duas psicólogas colocaram realizar, acompanhamentos sistemáticos a dificuldades específicas em atendimento em conjunto, visando à inclusão. Em conformidade com o item educação especial de Santos et al. (2017).

Em relação ao item espaços de diálogos com alunos de Santos et al. (2017), ambas as entrevistadas colocaram ter dentre suas ações espaços de diálogos através de cinemas e palestras. Com destaque de uma colocação conforme a psicóloga (2) que esses espaços acabam sendo um momento em que os alunos escolhem os filmes e os temas, o que aponta para um espaço de desenvolvimento de autonomia nos alunos.

Apenas uma entrevistada menciona ações que englobam a identificação e acompanhamento do processo de aprender e, as questões psicológicas e sócias- cultural, realizando orientação psicopedagógica, descrito por Santos et al. (2017).

Dias psicólogas colocaram que realizam ou já realizaram em algum momento orientação profissional. Conforme Santos et al. (2017) é um auxílio à reflexão e autoconhecimento na construção de planos para a carreira.

Em relação à orientação individualizada a maioria das psicólogas mencionaram orientações sobre transtornos, dificuldades para encaminhamento, orientações a situações específicas como término de

relacionamento, desejo de sair da escola e, questões emocionais. Como descreve Santos et al. (2017) um auxílio psíquico para melhoria na aprendizagem. E, ambas as entrevistadas colocam prestar suporte emocional, sem mais detalhes.

Ambas as entrevistadas também colocam que realizam encaminhamentos para psiquiatras, médicos, psicopedagogo e para avaliações neuropsicológicas. Encaminhamento para áreas especializadas de acordo com a complexidade e especificidade conforme Santos et al. (2017).

Competências Pessoais

A competência pessoal, conforme Santos et al. (2017), que aparece com mais frequência em sua pesquisa é a atuação crítica, sendo uma análise e problematização dos fenômenos como fracasso e queixa escolar. Ambas as entrevistadas mencionam promover reflexões críticas sobre o processo de ensino aprendizagem, o contexto, cultura a qual a escola está inserida, considerando cada caso. Contudo, uma das entrevistadas, menciona uma análise crítica do contexto e cultura/ comunidade. Ligados ao fracasso e queixa escolar, mas o resultado está sendo o atendimento clínico.

Em relação ao item relacionamento interpessoal de Santos et al. (2017), descrito como um relacionamento de forma assertiva para um bom clima institucional. Não há menções em ambas as entrevistadas, mas é possível considerar a ocorrência, devido às menções das conduções de suas ações. Apontam ações com o envolvimento dos professores nos projetos e ações e, saber o momento de fazer colocações e de propor projetos aos necessários atores a serem envolvidos.

Apenas uma psicóloga entrevistada apresenta atualização teórica, apesar de ambas mencionarem a sua importância. Assim como descreve Santos et al. (2017) ser uma competência do psicólogo escolar a atualização tanto em psicologia quanto a pertinência a conhecimentos na prática escolar.

Em relação à iniciativa e proatividade descrita por Santos et al. (2017) como, atuação preventiva considerando o projeto pedagógico e as políticas públicas,

uma entrevistada coloca que busca parcerias com a rede para elaborar e efetuar projetos e, outra entrevistada (psicóloga escolar que no momento realiza atendimento clínico dentro da escola) coloca realizar cobranças para a resolução das falhas na rede.

Por fim, três psicólogas colocaram que sua atuação em momentos se dá por “tentativas de acerto e erro” (psicóloga 2). Colocaram também que percebem a mudança na conduta dos alunos ao mudarem alguns projetos. Mencionando também que percebem um feedback positivo dos trabalhos realizados. De acordo com o que descreve Santos et al. (2017) sobre autogerenciamento.

Modelo de atuação clínica

O modelo de atuação clínica conforme Santos et al. (2017), implica em competências de práticas psicoterápicas. A avaliação psicológica descrita como avaliação para subsidiar decisões nesse contexto, a qual conforme os autores, a competência com mais ocorrência em seu estudo, uma entrevistada fez menção a esta competência, sem mais detalhes. Uma entrevistada menciona intervenção psicopedagógica, descrita por Santos et al. (2017) como auxílio nos problemas de aprendizagem, nas questões socioafetivas e cognitivas. E uma psicóloga coloca que faz atendimentos clínicos na escola, e duas já realizaram atendimentos clínicos descontextualizados dentro da escola quando iniciaram.

Equipe composta para efetivação das ações e projetos

Quando questionadas, as entrevistadas, sobre que profissionais estariam compondo a equipe de ações e projetos efetivados. A maioria respondeu professores e coordenadores. Seguindo no levantamento dos profissionais a compor a equipe obtiveram duas menções a outro psicólogo, a coordenação pedagógica, a orientação, a supervisão, a direção e, a rede. E em número menor com uma resposta psicopedagoga, estagiárias em psicologia, servidoras, profissional do AEE, psicólogos do CRAS e, terapeuta ocupacional.

No geral, mencionam que trocam ideia e decidem juntos em equipes. E, na maioria dos projetos, com três menções, a importância dos professores na equipe, identificando demandas, montando e efetuando ações e projetos junto. Conforme Souza et al. (2014) concluem que é indispensável a inclusão do professor no processo de intervenção. As entrevistadas mencionaram ser o professor quem mais convive e está na linha de frente com os alunos. E que os professores são envolvidos tanto em projetos para eles, quanto para os alunos. Logo, professor como protagonista, que muito conduz a resolução de conflitos, necessita ser orientado em seus limites e dificuldades (COSTA; BARBOSA; CARRARO, 2014).

São feitas duas menções a atores externos. Uma menção se refere à troca de informações feitas com profissionais que atendem os alunos e, a outra a atores externos para palestrar e/ou pensar e efetuar ações e projetos junto com os psicólogos escolares. Que corrobora com Cassins et al. (2007) o qual traz como competência ao psicólogo escolar mobilizar a escola para propostas de utilizar recursos da comunidade. E, conforme traz Martinez (2010), o psicólogo neste contexto tem suas práticas atreladas às contribuições e atribuições de toda a instituição. Caso contrário pode ser inviabilizado transformações efetivas.

Percepção do seu trabalho ao longo do tempo

Ao serem questionadas, as psicólogas, quanto à percepção do seu trabalho, as menções foram bem diferenciadas. Portanto foram descritas separadamente a seguir. A psicóloga (1) menciona realizar muito mais atendimento individual quando iniciara. Menciona ser bom, mas atrapalhava o que realmente devia estar fazendo. Coloca como mais difícil o trabalho na escola pública, a questão do sigilo, da ética e da privacidade, não tendo onde guardar os materiais usados para avaliações. Já em outra escola, porém particular, tinha muita demanda de trabalhar luto devido às perdas familiares recorrentes, pelo contexto em que estava inserida.

Menciona, também, que na época que iniciou não tinha tanta demanda de inclusão. Coloca que os projetos efetivamente ocorrem, mas tem muitas interrupções por demandas emergentes da escola. Ressalta que se pudesse fazer uma indicação para os psicólogos escolares é que fizessem formação de professores e estar junto com os professores, tanto para passar entendimentos, como para sinalizar alguns pontos. Menciona como um ponto importante também, entender e gostar de educação e se especializar. Menciona apontamentos para a postura profissional, pois o psicólogo vai ser observado como modelo dentro da escola, e, coloca a diferença com a clínica que seria de um para trinta professores / quarenta alunos, e, que mantem o posicionamento em relação às demandas e ações.

A psicóloga 2 menciona que tem projetos com resultados, mas outros ficam enfraquecidos, logo vai mais na tentativa acerto e erro, dando certo continua, se não, tenta outra coisa.

A psicóloga (3) menciona que quando entrou tinha bastante demanda de atendimento clínico, mas que com sua permanência é pouquíssimos. Coloca que teve que se manter firme durante muito tempo e atendendo às vezes. Menciona a questão de experiências de vida de trabalho e idade, assim como ter um “jogo de cintura” (psicóloga 3). Que hoje, os atores da escola, entendem que o trabalho é muito mais na prevenção. Menciona, também, que o projeto dependendo do contexto e momento acontece de forma eficaz ou não por inúmeros motivos. Colocando que o trabalho do psicólogo escolar está muito condicionado. Que tem que criar espaços e mostrar que esses trabalhos resultam em melhorias. Menciona também, que psicólogas que entram em espaços que já se conhece papel do psicólogo escolar tem, menos demanda de atendimento clínico, e, mais abertura para os projetos.

A psicóloga (4) menciona a ansiedade/ expectativa nas pessoas e professores em relação ao trabalho e atendimento clínico, mas que aderem o que é proposto com respeito pelo trabalho. Apesar de sempre ter críticas e

questionamentos. Menciona que se deve se qualificar e ter flexibilidade à demanda e ao ambiente, com uma escuta apurada e um olhar crítico.

Podemos destacar questões que atravessam o trabalho do psicólogo escolar como: contexto; aumento da inclusão conforme Cruz; Monteiro (2018); desconhecimento da psicologia, atendimento clínico, interrupções cotidianas e necessidade de proatividade e formação o que corrobora com o que traz Santos et al. (2017). Diferença da pública para a privada, sendo na pública encontradas dificuldades como sigilo e menos recursos materiais.

Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi fazer um aporte teórico, mapear psicólogos escolares, verificar demandas e atuações, identificar a equipe e escutar as percepções em relação ao seu percurso profissional na área. Logo, podemos constatar as seguintes informações colaborando ou contrapondo com a revisão de literatura.

No momento há um número extremamente baixo de psicólogos escolar atuando inserido na escola na região do litoral norte do Rio Grande do Sul. Rossetti. et al. (2004), constata que as razões para a pequena quantidade de psicólogo escolar atuando, estaria no desconhecimento de suas contribuições possíveis. Desta forma também verificado durante o processo de mapeamento. Alguns secretários justificam não colocar psicólogos nas escolas, por não ser correto fazer clínica na escola. Por já prestarem esse serviço em Centros de Atendimento Especializado com multiprofissionais. Apontando para o desconhecimento no momento nesta região, das funções do psicólogo escolar.

E essas profissionais que participaram do estudo, tem um tempo de atuação, como psicóloga escolar, bem variado. Sendo o maior tempo dezoito anos e o menor um ano. Dentro do dado de tempo de atuação, pode se refletir que a permanência é importante tanto para clarificar o papel do psicólogo escolar como para diminuir o preconceito com a psicologia.

Ambas possuem uma base teórica a nortear seu trabalho. Contudo apenas duas apresentam constante formação. Uma em saúde mental e a outra na área pedagógica. E, esta apresenta menções que denota segurança no posicionamento frente às circunstâncias encontradas. Também para enfrentar divergências frente as suas atuações de acordo com CASSINS, et al (2007). Antunes (2008) também coloca que o psicólogo escolar necessita ter conhecimentos da educação e pedagogia para socializar e fazer formação com os educadores. Logo, pode considerar – se que faz- se importante uma base teórica, para a segurança ao posicionamento.

Encontram demandas de transtornos e doenças mentais e físicas, e, questões de comportamento e inter-relacionamento voltados ao aluno. Assim como o aumento da inclusão de alunos especiais. Professores adoecidos trazendo prejuízos também na relação com o aluno, assim como o que constata Costa, Barbosa e Carraro (2014). E, conforme, Santos et al. (2017), os psicólogos escolares encontram uma variabilidade de demandas.

Suas atuações, exceto a de uma entrevistada, estão voltadas para um enfoque preventivo, de incentivo, de mediação, de conscientização, de responsabilização diante dos papéis inter-relacionados deste contexto, assim como descreve Cassins, et al. (2007). Com as competências conforme Santos et al. (2017), voltadas a atuação institucional; atuação institucional com o aluno; competências pessoais e; atuação clínica, duas profissionais referem a alguns itens. Com ênfase da maioria para o trabalho junto com o professor, que conforme Vale e Aguilera (2016), investir em trabalhos com os professores melhoram o todo. E, que conforme CASSINS, et al. (2007), o apoio ao professor para desenvolver técnicas de inclusão e habilidades sociais.

Três das quatro entrevistadas tem seus trabalhos, atrelado às contribuições e atribuições de toda a instituição (MARTINEZ, 2010). Com atuações com os diversos atores (MEDEIROS; AQUINO, 2011). Com multiprofissionais, conforme Santos e Gonsalves (2016). Contudo, intervenções no processo

ensino aprendizagem ainda constitui um direcionamento do trabalho nesse contexto, (MEDEIROS; AQUINO, 2011).

De acordo com o CFP N° 010/05. (2014), o trabalho do Psicólogo deve visar à saúde e a qualidade de vida, com análise crítica, histórica e social, mencionadas atuações nesse sentido. No entanto as entrevistadas encontram imprevisibilidades, a demanda de resolução imediata necessitando clarificar constantemente, entre os atores da escola, a sua proposta (CFP, 2013).

No contexto escolar o trabalho desenvolvido pelo psicólogo ainda se encontra muito condicionado por diversas variáveis, implicando no profissional a alocação de desdobramentos e uma leitura crítica e flexível do contexto, para além da escola, como o local onde está inserida (CFP Resolução N° 010/05 2014).

Nesse sentido encontra-se diferenças do contexto público e do privado. Uma menção em relação à diferença é feita por uma psicóloga que transitou de um contexto para o outro, que foi em relação a recursos materiais proporcionados no contexto privado que não tem tanto no público. Diferença da pública para a privada, sendo na pública encontradas dificuldades como sigilo, não tendo onde guardar materiais restritos da psicologia. Outra menção feita por outra profissional em relação à questão de recursos liga a questão de troca de gestão. No entanto em ambos os contextos são mencionadas dificuldades em relação ao encaminhamento de alunos para atendimento externo.

Podendo encontrar questões que atravessam seu percurso como: contexto; aumento da inclusão conforme Cruz; Monteiro (2018); desconhecimento da psicologia, atendimento clínico, interrupções cotidianas e necessidade de proatividade e formação trocas nas administrações; saídas e entradas de profissionais; novas famílias inseridas; e falhas na rede - que inclusive abarca na demanda do psicólogo do contexto escolar em atendimento clínico - que corrobora com o que trazem PETRONI e SOUZA (2017). Também a importância de criatividade e flexibilidade, pois conforme Quevedo e Conte

(2016), ao mesmo tempo em que o contexto oferecia abertura, tentava controlar o trabalho.

Tendo um fator externo de não ter profissionais na rede para atender essa demanda. Pode se verificar que duas instâncias podem se intercalar: Uma seria a necessidade de clarificação e a outra as variáveis no percurso. E, ambas inter-relacionadas, interdependentes do contexto e o momento.

Contudo, de acordo com Cassins, et al (2007) a inserção do psicólogo na escola, assim com o a decorrência dos bons resultados alcançados vem trazendo uma nova visão desse trabalho. E Vale e Aguilera (2016), consideram que antes o psicólogo escolar não tinha capacidades técnicas como agora, elaboradas por pesquisa e ações próximas a realidade da escola. Quevedo e Conte (2016) consideram as práticas do psicólogo escolar válidas, frente aos resultados positivos de intervenções em saúde, preservação e qualidade de vida.

Logo, a inserção do psicólogo escolar neste contexto escola não se encontra atrelado nas demandas, mas sim na análise e intervenção institucional. Seja nas suas atuações com os alunos, os professores, a comunidade, o contexto. Há um atendimento das demandas, mas, na maioria das entrevistadas, o ressaltado está para o entendimento desse contexto, de como se dão essas relações e o entendimento de como se constitui a queixa escolar de acordo com Souza et al. (2014). Assim como Dias, Patias e Abaid (2014) concluem que o psicólogo não deve ter uma resposta pronta, será através da interação que irá construindo o seu trabalho. Sendo importante uma postura crítica, criativa e aberta aos desafios e possibilidades.

E, constitui um avanço nas possibilidades de disseminação, na região, de uma clarificação suas funções, como as possíveis contribuições para melhorias nas diversas modalidades de necessidades encontradas na escola. Para que a desmistificação e aceitação de suas funções como psicólogo escolar ocorram. Assim como a efetividade de seus trabalhos, tanto como possam

ocorrer, tanto quando ocorrem com resultados significativos, reforçam a disseminação.

Em relação às categorias e itens desenvolvidos por Santos et al. (2017), pode-se considerar que muito colabora para a identificação das ações desenvolvidas pelos (as) psicólogos (as) escolares. Contudo, para um aprofundamento da identificação de atuações sugere-se perguntas mais específicas. Este estudo teve suas limitações devido ao questionário aberto e pouco específico em relação às atuações. Mas, mesmo assim considera-se que abrangeu de forma ampla o seu propósito. Conseguindo contribuir significativamente a futuros estudos.

Através do levantamento de dados e a revisão da literatura, consegue-se apontar para uma necessidade de estudos que tragam experiências de psicólogos escolares inseridos em escolas, para reforçar ainda mais a disseminação do papel do psicólogo escolar inserido nesse contexto.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Jéssica Andrade de; AQUINI, Fabíola de Sousa Braz. Psicologia escolar e relação família – escola: um levantamento de literatura. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 23, n. 2, p. 307-318, abr./jun., 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v23n2/2175-3563-pusf-23-02-307.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2018.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Maquino. Psicologia escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABAPEE)**. V. 12, n. 2., p. 469-475, Jul/Dez., 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n2/v12n2a20.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2018.

AUSEC, Inged Caroline de Oliveira; FORNAZARI, Sílvia Aparecida; BASSETO, Víctor Hugo. Atuação do psicólogo no atendimento educacional

especializado. In. VII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Anais...** Londrina, 08-10 nov., 2011 - ISSN 2175-960X – p. 39040-3948. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/NOVAS TECNOLOGIAS/362-20.PDF>>. Acesso em: 24 maio 2018.

BENITEZ, Priscila; DOMENICONE, Camila. Atuação do psicólogo na inclusão escolar de estudantes com autismo e deficiência intelectual. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v. 22, n. 1, 163-172, Jan/Abril, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v22n1/2175-3539-pee-22-01-163.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

CASSINS, Ana Maria. et al. **Manual de Psicologia Escolar/Educacional**. In. IX Plenário CRP-08 Gestão Conexão Psi 2004-2007. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado, 2007. 45 p.; 20 cm. CDD (21ª ed.) 370.15. Disponível em: <<http://www.old.crprr.org.br/download/157.pdf>>. Acesso em: 24 de abril. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **CÓDIGO DE ÉTICA DO PROFISSIONAL PSICÓLOGO**. Novembro de 2014. RESOLUÇÃO Nº 010/05. Brasília, 21 de julho de 2005. XVI PLENÁRIO: Gestão 2013/2016. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Co%CC%81digo-de%CC%89tica.pdf>>. Acesso em: 19 de Abril. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil**. Contribuição do Conselho Federal de Psicologia ao Ministério do Trabalho para integrar o catálogo brasileiro de ocupações – enviada em 17 de outubro de 1992. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf>. Acesso em: 4 junho. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOC). **Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogas (os) na Educação Básica.**, In. XV Plenário Gestão 2011-2013. 1ª edição, Conselho Federal de Psicologia: SAF/SUL Quadra 2, Bloco B, Edifício Via Office, térreo, sala 104, 70070-600, Brasília-DF. Impresso no Brasil – Março de 2013. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/04/Referências-Técnicas-para-Atuação-de-Psicólogas-os-na-educação-básica.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

COSTA, Marlúcia Silva Garcia Antunes; BARBOSA, Nathália Dornelas; e CARRARO, Patrícia Rossi. A importância do trabalho do psicólogo escolar aos docentes em escolas públicas. **Revista EIXO**, Brasília-DF, v.3 n.2, jul/dez 2014. Disponível em: <<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/viewFile/146/118>>. Acesso em: 26 maio 2018.

DIAS, Ana Cristina Garcia; PATIAS Naiana Dapieve; ABAID, Josiane Lieberknecht Wathier. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v. 18, n. 1, p. 105-111, Jan/Abril 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n1/v18n1a11.pdf>>. Acesso em: 22 maio. 2018.

GUZZO, Raquel Souza Lobo. Risco e proteção: Análise crítica de indicadores para uma intervenção preventiva na escola. FRANSCHINI, Rosângela (Org.; VIANA, Meire Nunes (Org). CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP)- **PSICOLOGIA ESCOLAR: Que fazer é esse?** In. XVI plenário 2003/2006. Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2016. ISBN: 978-85-89208-

76-5. **Livro...** Conselho Federal de Psicologia: SAF/SUL, Brasília-DF. Brasil Set., 2016, p. 215. Disponível em: <[http://qsite.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/08/CFP Livro PsinaEd web-1.pdf](http://qsite.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/08/CFP_Livro_PsinaEd_web-1.pdf)>. Acesso em: 19 de abril. 2018.

MARTINEZ, Albertina Mitjáns. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, mar. 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6292/1/ARTIGOQuePodeFazer.pdf>>. Acesso em: 24 maio. 2018.

MEDEIROS[] Lucilaide Galdino de; AQUINO, Fabíola de Sousa Braz. Atuação do psicólogo escolar na rede pública de ensino: Concepções e práticas. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 29, n. 65, p. 227-236, abr./jun., 2011. Disponível em: <[file:///C:/Users/tatiani%20justin/downloads/pa-4602%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/tatiani%20justin/downloads/pa-4602%20(3).pdf)>. Acesso em: 12 maio. 2018.

MICHELISZYN, Mário Sérgio e TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa Orientações e Normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos**. 5^o ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2009.

PETRONI, Ana Paula e SOUZA, Vera Lúcia Trevisan. Psicologia Escolar: análise sobre dificuldades e superações no Brasil e Portugal. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP., v. 21, n. 1, p. 13-20, Jan/Abril 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v21n1/2175-3539-pee-21-01-00013.pdf>>. Acesso em: 03 maio. 2018.

QUEVEDO, Rafaela Fava de; CONTE, Raquel Furtado. Projeto Defesa à Vida: A Psicologia na Escola de Ensino Fundamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32 n. 2, p. 1-7, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v32n2/1806-3446-ptp-32-02-e32228.pdf>>. Acesso em: 24 maio. 2018.

ROCHA, Francisco Eduardo de Castro. et al. **Aplicação da análise de conteúdo na perspectiva de Bardin em uma aproximação avaliativo PRNAF-PB.** Planatina, DF. 2008. Disponível em: <www.cpac.embrapa.br/qdownload/1251/t> Acesso em: 20 jun. 2018.

ROSSETTI, Claudia Broetto. et al. Panorama da psicologia escolar na cidade de vitória: um estudo exploratório. **Departamento de Psicologia, Cemuni VI,** Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES. *Paidéia*, v. 14, n. 28, p. 191-195. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/08.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2018.

SANTOS, Dielen Cristina Oliveira. et al. Mapeamento de competências do psicólogo escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v. 21, n. 2, p. 225-234, maio/ago 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/peee/v21n2/2175-3539-pee-21-02-00225.pdf>>. Acesso em: 15 abril. 2018.

SANTOS, Jeovane Vieira dos; GONSLAVES, Charlisson Mendes. Psicologia educacional: importância do psicólogo na escola. **Psicologia o Portal dos psicólogos (PT)**. ISSN 1646-6977, 17/dez., 2016. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1045.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SILVA, Byanca Eugênia Duarte, et al. Contribuições do psicólogo escolar no processo de inclusão de crianças com Dificuldades de aprendizagem na escola. **Id on Line Rev. Mult. Psic.** - ISSN 1981-1179, v.12, n. 40, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v21n3/2175-3539-pee-21-03-407.pdf>>. Acesso em: 25 setembro 2018.

SOUZA, Marilene Proença Rebelo et al. A atuação do psicólogo na educação: Análise de publicações científicas brasileiras. **Psic. da Ed., são Paulo**, v. 38, 1^o sem., 2014, p. 123-138. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n38/n38a11.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CRUZ, Priscila (Org.); MONTEIRO, Luciano (Org.). Anuário Brasileiro de educação básica. Edição Atualizada. Pnad contínua. 2018. **Todos pela educação**. Ed: Moderna LTDA – SP- Brasil. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/_uploads/20180824Anuario_Educacao_2018_atualizado_WEB.pdf?utm_source=conteudoSite> . Acesso em: 16 set. 2018.

VALE, Paula Cristina Santos do; AGUILLERA, Fernanda. Estresse dos professores de ensino fundamental em escolas públicas: uma revisão de literatura. DOI: 2317-3394rpds.v5i1.712. **Revista psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador. V. 5, n.1, p. 96-84, 2006. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/712>>. Acesso em: 15 abril. 2018.